

Feijão

Lucas Sudbrack

PhD em Government and Public Administration. Bolsista de Bolsa Inova Talentos do CNPq - Nível C. Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE. Banco do Nordeste do Brasil S/A – BNB. lucas.sudbrack@gmail.com

Luciano Feijão Ximenes

Doutor em Zootecnia. ETENE/BNB. lucianoximenes@bnb.gov.br

Alexandre dos Santos Carioca

Pós-graduação em Ciência de Dados e Big Data Analytics. MBA em Segurança da Informação. Bolsista de Bolsa Inova Talentos do CNPq - Nível G. ETENE/BNB. alexandre1carioca@hotmail.com

Larissa Yamile de Sousa Melo

Administração de Empresas. Tecnóloga em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Bolsista de Bolsa Inova Talentos do CNPq - Nível G. ETENE/BNB. admyamile@gmail.com

Resumo: a safra 2025/26 está diante de um cenário de oferta nacional mais apertada e preços mais sensíveis. A produção brasileira está estimada em 2,96 milhões de toneladas, queda de 3,2% frente à safra anterior, resultado principalmente da redução de 6,0% da área cultivada, mesmo com ganho de 2,9% na produtividade. No Nordeste, o quadro é mais favorável: a produção deve alcançar 711,7 mil toneladas, alta de 17,8%, impulsionada sobretudo por Bahia, Ceará e Piauí, beneficiados por chuvas mais regulares em parte do ciclo e forte recuperação de produtividade. A demanda externa segue aquecida, com exportações brasileiras de 256,2 mil toneladas e US\$ 200,7 milhões entre janeiro e julho de 2026, gerando superávit de US\$ 182,0 milhões; no Nordeste, as vendas alcançaram 17,5 mil toneladas e US\$ 13,1 milhões, com destaque para Maranhão, Bahia e Piauí e forte demanda asiática por feijão-caupi. Esse avanço das exportações, somado à menor oferta nacional e à recomposição de estoques internos, explica a reversão da deflação observada em 2025 e a volta de pressões inflacionárias em parte dos mercados consumidores em 2026. Para 2026/27, o principal fator de risco é o fortalecimento do El Niño, com probabilidade superior a 90% de ocorrência intensa, elevando o risco de déficits hídricos no Semiárido e podendo reduzir a produtividade regional em áreas de sequeiro. Nesse contexto, os riscos de crédito aumentam especialmente para a agricultura familiar, responsável por quase 60% da produção nordestina, exigindo maior atenção à disponibilidade hídrica, seguro rural, enquadramento no ZARC, capacidade de armazenamento e mecanismos de mitigação climática.

Palavras-chave: clima, nordeste, produção, produtividade, El nino.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogerio Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allisson David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coelho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Wendell Márcio Araújo Carneiro (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Breno Pereira Aragão, Sânia da Silva Costa (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 Mercado Global

A produção mundial de feijão 30,80 milhões de toneladas em 2026 (Tabela 1). A trajetória revela um mercado global grande, mas com oscilação anual relevante e forte heterogeneidade entre países produtores. Em comparação com soja e milho, o feijão possui uma lógica de commodity mais ligada ao consumo direto das famílias, sem processamento. O produto é segmentado por grupos comerciais e embalagens, a formação de preços é regional e a demanda doméstica tem peso elevado. Isso não elimina sua natureza de commodity agrícola, mas significa que preço, qualidade, origem, calendário de colheita e preferência regional importam mais do que uma cotação única internacional. Para o produtor brasileiro, o preço recebido continua sendo determinado principalmente pelo balanço doméstico, pelos estoques, pela renda das famílias, pela concorrência entre safras e pelas condições de comercialização de cada praça.

Tabela 1 – Principais países produtores de feijão no mundo (em toneladas)

Países	2022	2023	2024	2025*	2026*
Índia	8.564.106	8.168.143	7.990.946	8.070.000	8.150.000
Brasil	2.872.474	2.899.261	3.018.459	3.050.000	3.080.000
Myanmar	2.724.499	2.677.113	2.392.683	2.410.000	2.430.000
República da Tanzânia	1.269.000	1.484.000	1.463.819	1.480.000	1.500.000
China	1.330.713	1.333.531	1.333.414	1.340.000	1.350.000
Estados Unidos	1.160.375	1.070.843	1.408.962	1.420.000	1.430.000
México	965.371	723.642	996.393	1.010.000	1.020.000
Uganda	827.000	766.000	793.123	800.000	810.000
Argentina	679.744	792.564	474.764	480.000	490.000
Quênia	750.120	860.973	903.851	910.000	920.000
Mundo (Total)	30.057.766	29.727.498	30.277.330	30.550.000	30.800.000

Fonte: Adaptado pelos autores do FAOSTAT (2026).

Nota: * Dados de 2025 e 2026 são projeções e estimativas.

2 Panorama Nacional

De acordo com dados da Conab (2026), a safra brasileira de feijão 2025/26 está estimada em 2,96 milhões de toneladas, redução de 3,2% em relação à safra anterior, apesar do aumento de 2,9% na produtividade média. O principal fator para a queda da produção foi a redução de 6% da área cultivada, reflexo de preços menos atrativos ao produtor e da concorrência com culturas mais rentáveis. A primeira e a segunda safras registraram redução de área, enquanto a terceira safra apresenta estabilidade e ganho de produtividade. O feijão-caupi teve destaque positivo, compensando parcialmente as perdas dos grupos cores e preto. As condições climáticas foram heterogêneas. No Sul e parte do Sudeste, geadas, excesso de umidade e oscilações térmicas reduziram o potencial produtivo de áreas de segunda safra. No Nordeste, as chuvas foram favoráveis no início do ciclo, mas a estiagem no final da safra afetou áreas tardias. A entrada de um El Niño forte, com previsão de persistência entre agosto e outubro de 2026, tende a favorecer chuvas no Sul, mas aumenta o risco de déficit hídrico no interior do Nordeste e parte do Centro-Norte do País. Tendência: manutenção da redução de área no curto prazo, porém com possibilidade de recuperação da produtividade nas regiões irrigadas e em áreas favorecidas pelas condições associadas ao El Niño.

Tabela 2 – Área, produtividade e produção nacionais de feijão, por Região. Safras 2024/2025 e 2025/2026

Unidade geográfica	Área (mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	2024/2025	2025/2026	%	2024/2025	2025/2026	%	2024/2025	2025/2026	%
SUDESTE	374,00	392,00	4,80	1.737,69	1.872,17	7,70	650,00	733,90	12,90
MG	286,70	305,10	6,40	1.614,20	1.774,90	10,00	462,80	541,50	17,00
SP	77,80	77,80	0,00	2.272,13	2.339,76	3,00	176,80	182,00	2,90
ES	8,50	8,40	-1,20	1.056,40	1.138,21	7,70	9,00	9,60	6,70
RJ	1,00	0,70	-30,00	1.354,40	1.106,00	-18,30	1,40	0,80	-42,90
NORDESTE	1.312,40	1.220,00	-7,00	460,22	583,36	26,80	604,00	711,70	17,80
BA	377,30	347,30	-8,00	770,91	917,19	19,00	290,90	318,50	9,50
CE	336,40	314,90	-6,40	157,35	388,98	147,20	52,90	122,50	131,60
PE	173,70	171,20	-1,40	707,86	687,06	-2,90	123,00	117,60	-4,40
PI	204,70	195,10	-4,70	261,84	365,65	39,60	53,60	71,30	33,00
PB	103,10	89,70	-13,00	292,72	339,74	16,10	30,20	30,50	1,00
MA	47,40	42,90	-9,50	670,45	660,95	-1,40	31,80	28,40	-10,70
RN	46,80	45,40	-3,00	165,00	345,00	109,10	7,70	15,70	103,90
AL	20,60	11,10	-46,10	617,97	539,59	-12,70	12,70	6,00	-52,80
SE	2,40	2,40	0,00	513,00	513,00	0,00	1,20	1,20	0,00
CENTRO-OESTE	304,00	356,40	17,20	2.111,11	1.966,94	-6,80	641,70	701,00	9,20
MT	164,20	207,40	26,30	1.843,63	1.695,19	-8,10	302,70	351,60	16,20
GO	119,20	127,00	6,50	2.432,33	2.354,13	-3,20	289,90	299,00	3,10
DF	14,90	14,70	-1,30	2.617,52	2.599,55	-0,70	39,00	38,20	-2,10
MS	5,70	7,30	28,10	1.775,00	1.678,00	-5,50	10,10	12,20	20,80
SUL	595,10	416,20	-30,10	1.759,94	1.591,38	-9,60	1.047,30	662,40	-36,80
PR	491,70	331,70	-32,50	1.750,46	1.555,87	-11,10	860,70	516,10	-40,00
SC	61,00	51,20	-16,10	1.854,79	1.850,78	-0,20	113,10	94,80	-16,20
RS	42,40	33,30	-21,50	1.733,41	1.546,18	-10,80	73,50	51,50	-29,90
NORTE	107,50	147,00	36,70	1.087,63	1.035,56	-4,80	116,90	152,20	30,20
TO	77,60	121,50	56,60	1.205,11	1.099,33	-8,80	93,50	133,60	42,90
PA	16,60	16,30	-1,80	748,11	726,85	-2,80	12,40	11,80	-4,80
AC	5,30	5,00	-5,70	563,00	554,00	-1,60	3,00	2,80	-6,70
AM	2,20	1,90	-13,60	731,00	853,00	16,70	1,60	1,60	0,00
RO	2,00	1,10	-45,00	1.060,00	1.042,00	-1,70	2,10	1,10	-47,60
AP	1,10	0,70	-36,40	909,00	958,00	5,40	1,00	0,70	-30,00
RR	2,70	0,50	-81,50	1.212,00	1.208,00	-0,30	3,30	0,60	-81,80
BRASIL	2.693,00	2.531,60	-6,00	1.136,25	1.169,68	2,90	3.059,90	2.961,20	-3,20

Fonte: Adaptado pelos autores da CONAB (2026a).

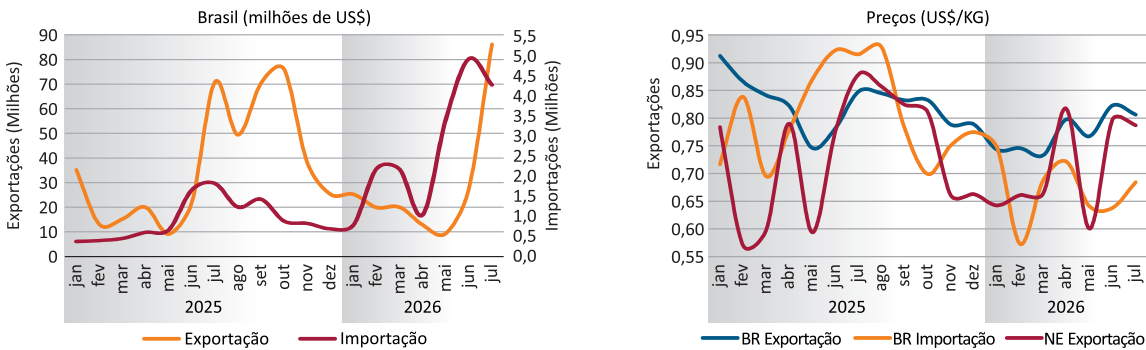
De janeiro a julho de 2026, o comércio exterior brasileiro de feijão registrou superávit de US\$ 181,98 milhões e 227,61 mil toneladas, resultado de exportações de US\$ 200,65 milhões e 256,19 mil toneladas, contra importações de US\$ 18,67 milhões e 28,58 mil toneladas. Frente ao mesmo período de 2025, o saldo cresceu 1,7% em valor e 7,2% em volume, sustentado pelo avanço dos embarques, sobretudo para Índia, Paquistão e Vietnã, enquanto as importações também aumentaram. No Nordeste, o superávit alcançou US\$ 13,05 milhões e 17,51 mil toneladas, altas de 27,8% e 31,9%, respectivamente, sem importações registradas no período. Maranhão, Bahia e Piauí lideraram as vendas regionais, apoiadas principalmente na demanda asiática por feijões dos grupos Vigna, incluindo mungo e caupi. A expansão está associada à diversificação da pauta brasileira, às três safras anuais e ao acesso a mercados consumidores de leguminosas. Apesar do desempenho acumulado, a Conab prevê exportações nacionais de 343 mil toneladas na safra 2025/26, abaixo das 533 mil toneladas anteriores, diante da menor produção e da necessidade de recompor estoques internos (Quadro 1; Gráfico 1).

Quadro 1 – Desempenho da balança comercial de feijão no Brasil e no Nordeste

Indicador	Brasil	Nordeste
Exportações, valor FOB	US\$ 200,65 milhões	US\$ 13,05 milhões
Exportações, volume	256,19 mil t	17,51 mil t
Importações, valor FOB	US\$ 18,67 milhões	Sem registro
Importações, volume	28,58 mil t	Sem registro
Saldo comercial, valor	Superávit de US\$ 181,98 milhões	Superávit de US\$ 13,05 milhões
Saldo comercial, volume	Superávit de 227,61 mil t	Superávit de 17,51 mil t
Variação do saldo ante jan-jul/2025, valor	+1,7%	+27,8%
Variação do saldo ante jan-jul/2025, volume	+7,2%	+31,9%
Principais destinos em 2026	Índia, Paquistão e Vietnã	Predomínio da demanda asiática
Destaques regionais	Mato Grosso e Tocantins lideram grandes embarques	Maranhão, Bahia e Piauí
Fator explicativo	Avanço das vendas de feijões dos grupos Vigna, especialmente mungo e caupi	Expansão dos embarques de Maranhão, Bahia e Piauí para a Ásia
Perspectiva para 2025/26	Exportações projetadas em 343 mil t, abaixo das 533 mil t de 2024/25	Desempenho condicionado à oferta regional e à demanda asiática

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Comexstat (2026).

Gráfico 1 – Feijão. Desempenho do comércio exterior no Brasil e preços médios dos feijões¹



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Comexstat (2026).

Nota: 1) NCM - Nomenclatura Comum do Mercosul: 07082000, 20055100, 20055900, 07133190, 07133290, 07133319, 07133329, 07133339, 07133399, 07133490, 07133590, 07133990, 07136090.

Na esteira da oferta e da demanda, e conforme precitado, que o feijão é um produto de “primeira ordem” na alimentação das famílias, e assim, destaca-se um período de forte deflação ao longo de 2025, refletindo a ampliação da oferta doméstica e a normalização do abastecimento. A Figura 1 mostra reversão parcial desse movimento em 2026, especialmente para o feijão carioca no Brasil e para os mercados das Regiões Metropolitanas do Nordeste. A inflação acumulada em 12 meses atingiu 17,1% para o feijão preto e 48,7% para o carioca no Brasil em julho de 2026, enquanto o feijão mulatinho em Recife (51,3%) e o carioca em Salvador (46,5%) registraram fortes altas. Esse comportamento decorre da redução da oferta nacional de feijão (-3,2%), das perdas produtivas em parte do Sul, da recomposição de estoques e do fortalecimento das exportações para a Ásia. No Nordeste, embora a produção regional tenha avançado 17,8%, a irregularidade das chuvas e os riscos associados ao fortalecimento do El Niño limitaram a oferta em áreas de sequeiro, contribuindo para pressões inflacionárias localizadas, ao passo que o feijão macáçar apresentou inflação mais moderada ou ainda deflação em algumas regiões metropolitanas.

Figura 1 – Painel INPC¹. Variação mensal, acumulada no ano, acumulada em 12 meses e peso mensal, para o índice geral, grupos, subgrupos, itens e subitens de produtos e serviços (a partir de janeiro/2020). INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor

Variável	Ano	Mês	Brasil				RM de Fortaleza	RM de Recife	RM de Recife	RM de Salvador	RM de Salvador
			Mulatinho	Preto	Macáçar (fradinho)	Carioca (rajado)	Macáçar (fradinho)	Mulatinho	Carioca (rajado)	Mulatinho	Carioca (rajado)
Variação acumulada em 12 meses (%)	2025	1	-6,43	-12,91	-0,89	-17,97	-0,89	-1,85	-17,45	-3,58	-23,60
		2	-11,12	-21,39	-8,53	-24,67	-8,53	-8,60	-27,23	-5,06	-26,04
		3	-6,32	-26,27	-11,43	-24,66	-11,43	-0,30	-23,98	-3,31	-26,52
		4	-4,85	-25,86	-10,47	-19,83	-10,47	-0,93	-22,74	1,92	-26,78
		5	-4,58	-23,06	-9,52	-13,82	-9,52	3,81	-21,66	-2,24	-15,13
		6	-4,39	-21,33	-6,52	-10,17	-6,52	-0,39	-18,61	1,23	-9,22
		7	1,05	-21,80	-9,16	-10,66	-9,16	8,63	-19,88	7,34	-9,55
		8	4,61	-23,70	-9,07	-8,71	-9,07	14,84	-15,17	8,47	-7,07
		9	0,18	-28,44	-10,79	-8,17	-10,79	8,85	-14,21	2,94	-9,88
		10	1,10	-32,43	-10,71	-6,29	-10,71	8,02	-12,03	2,57	-10,56
		11	-2,95	-32,91	-13,39	-4,46	-13,39	-1,04	-2,89	0,96	-4,89
		12	-2,87	-32,39	-14,79	-4,27	-14,79	2,08	-0,46	-0,43	-5,30
	2026	1	-3,58	-29,09	-17,09	-3,47	-17,09	-1,97	0,19	-0,47	-2,83
		2	0,84	-22,86	-13,63	11,69	-13,63	-1,70	11,04	7,14	9,14
		3	2,51	-13,88	-10,88	27,80	-10,88	6,74	19,46	0,14	24,18
		4	3,88	-7,18	-11,09	29,61	-11,09	4,31	25,87	0,24	30,15
		5	2,70	-0,83	-11,38	36,22	-11,38	-4,39	29,69	4,31	34,62
		6	5,11	9,87	-9,21	48,28	-9,21	-0,78	47,13	2,71	41,65
		7	0,86	17,06	-2,99	48,70	-2,99	-6,48	51,26	-2,23	46,53
Variação acumulada no ano (%)	2025	1	0,99	-5,39	0,78	-1,34	0,78	3,13	-2,68	0,91	-1,52
		2	0,32	-10,56	-0,01	-4,72	-0,01	5,77	-7,25	-2,24	-1,64
		3	4,80	-14,02	-2,12	-4,14	-2,12	11,73	-4,42	1,75	-2,78
		4	6,07	-18,81	-1,16	-1,82	-1,16	12,92	-2,99	4,69	-2,15
		5	8,87	-22,48	-3,00	-0,73	-3,00	17,91	-1,65	6,14	1,49
		6	10,97	-24,52	-5,02	-1,05	-5,02	17,77	-1,23	11,54	2,92
		7	14,73	-26,81	-8,35	-3,38	-8,35	22,83	-2,49	16,48	-1,45
		8	13,04	-29,07	-9,01	-5,51	-9,01	23,30	-4,71	12,33	-4,55
		9	7,09	-31,22	-9,89	-6,18	-9,89	16,65	-6,52	4,30	-7,29
		10	6,04	-32,14	-11,47	-4,68	-11,47	14,88	-4,39	1,89	-8,95
		11	-0,57	-33,27	-12,93	-3,77	-12,93	4,90	-0,49	0,55	-5,54
		12	-2,87	-32,39	-14,79	-4,27	-14,79	2,08	-0,46	-0,43	-5,30
	2026	1	0,25	-0,77	-1,93	-0,52	-1,93	-0,96	-2,05	0,87	1,04
		2	4,16	2,05	1,36	11,17	1,36	1,85	3,46	5,19	13,35
		3	10,61	9,52	2,38	27,97	2,38	16,84	14,70	2,34	27,47
		4	13,44	11,47	3,14	32,93	3,14	15,38	22,67	5,39	34,48
		5	15,11	13,72	0,89	41,25	0,89	10,44	28,13	11,19	44,27
		6	20,09	22,68	1,20	53,26	1,20	14,48	45,99	15,07	53,93
		7	19,14	26,73	4,35	50,08	4,35	12,53	48,17	14,37	52,48

1 O Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC que tem por objetivo a correção do poder de compra dos salários, através da mensuração das variações de preços da cesta de consumo da população assalariada com mais baixo rendimento. Esta faixa de renda foi criada com o objetivo de garantir uma cobertura populacional de 50% das famílias cuja pessoa de referência é assalariada e pertencente às áreas urbanas de cobertura do SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Esse índice de preços tem como unidade de coleta estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, concessionária de serviços públicos e internet e sua coleta estende-se, em geral, do dia 1 a 30 do mês de referência. Atualmente, a população-objetivo do INPC abrange as famílias com rendimentos de 1 a 5 salários-mínimos, cuja pessoa de referência é assalariada, residentes nas áreas urbanas das regiões de abrangência do SNIPC, as quais são: regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, além do Distrito Federal e dos municípios de Goiânia, Campo Grande, Rio Branco, São Luís e Aracaju (IBGE, 2026b).

Variável	Ano	Mês	Brasil				RM de Fortaleza	RM de Recife	RM de Recife	RM de Salvador	RM de Salvador
			Mulatinho	Preto	Macáçar (fradinho)	Carioca (rajado)	Macáçar (fradinho)	Mulatinho	Carioca (rajado)	Mulatinho	Carioca (rajado)
Variação mensal (%)	2025	1	0,99	-5,39	0,78	-1,34	0,78	3,13	-2,68	0,91	-1,52
		2	-0,66	-5,47	-0,79	-3,43	-0,79	2,56	-4,70	-3,12	-0,12
		3	4,47	-3,86	-2,11	0,61	-2,11	5,64	3,05	4,08	-1,16
		4	1,21	-5,57	0,98	2,43	0,98	1,06	1,50	2,89	0,65
		5	2,64	-4,52	-1,86	1,11	-1,86	4,42	1,38	1,39	3,72
		6	1,93	-2,63	-2,08	-0,32	-2,08	-0,11	0,43	5,09	1,41
		7	3,39	-3,04	-3,50	-2,36	-3,50	4,29	-1,28	4,43	-4,24
		8	-1,47	-3,09	-0,73	-2,20	-0,73	0,39	-2,27	-3,56	-3,15
		9	-5,27	-3,02	-0,97	-0,72	-0,97	-5,40	-1,90	-7,15	-2,87
		10	-0,98	-1,34	-1,75	1,60	-1,75	-1,52	2,27	-2,31	-1,79
		11	-6,23	-1,67	-1,65	0,96	-1,65	-8,69	4,08	-1,31	3,75
		12	-2,32	1,31	-2,14	-0,52	-2,14	-2,69	0,03	-0,98	0,26
	2026	1	0,25	-0,77	-1,93	-0,52	-1,93	-0,96	-2,05	0,87	1,04
		2	3,90	2,84	3,36	11,75	3,36	2,83	5,62	4,29	12,19
		3	6,20	7,33	1,01	15,11	1,01	14,71	10,87	-2,72	12,46
		4	2,56	1,78	0,74	3,88	0,74	-1,24	6,95	2,99	5,50
		5	1,47	2,01	-2,18	6,26	-2,18	-4,28	4,45	5,50	7,28
		6	4,33	7,88	0,31	8,50	0,31	3,65	13,94	3,49	6,70
		7	-0,80	3,30	3,11	-2,08	3,11	-1,70	1,49	-0,60	-0,94

Fonte: adaptado pelos autores do INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IBGE, 2026b).

Notas: Com a atualização das Estruturas de Ponderação, obtidas a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF - 2017-2018, foram introduzidos aperfeiçoamentos na classificação dos produtos e serviços que compõem as estruturas dos índices de preços. Com isso, foram criadas tabelas, a partir de janeiro de 2020 para o IPCA e INPC e fevereiro de 2020 para o IPCA-15, contendo os dados com as estruturas atualizadas. Os dados de períodos anteriores são disponibilizados em outras tabelas; A variação acumulada em 12 meses está disponível a partir de dezembro de 2020.

3 Panorama Regional

O Nordeste é o principal ponto de diferenciação do mercado de feijão brasileiro. A Região permanece como uma das principais regiões produtoras de feijão, especialmente de feijão-caupi. Em 2025/26, os melhores desempenhos ocorreram em Bahia, Ceará, Maranhão e Piauí, enquanto Paraíba, Pernambuco e parte do Sertão nordestino enfrentaram limitações hídricas nas fases finais do ciclo. No **Ceará**, a boa distribuição das chuvas durante grande parte da safra elevou a produtividade do feijão-caupi. No **Maranhão**, as condições pluviométricas favoreceram a cultura, sustentando perspectivas de aumento de rendimento. O **Piauí** ampliou área em algumas regiões, mas sofreu perdas de produtividade nas lavouras mais tardias devido à redução das chuvas. Na **Bahia**, especialmente na terceira safra, a irregularidade pluviométrica reduziu o potencial produtivo de lavouras de sequeiro. **Paraíba** e **Pernambuco** registraram desenvolvimento inicial satisfatório, mas a estiagem recente provocou estresse hídrico em áreas tardias. A influência do El Niño representa o principal fator de atenção para a próxima safra. A previsão de chuvas abaixo da média no interior nordestino pode limitar expansão de área e produtividade nas lavouras de sequeiro, enquanto áreas irrigadas tendem a apresentar maior estabilidade. **Tendência:** crescimento moderado da produção em estados com melhor disponibilidade hídrica (Ceará e Maranhão) e maior risco de redução produtiva em áreas do Semiárido da Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí caso o El Niño se intensifique (Tabela 2; Quadro 1; Gráfico 1).

No comércio exterior, entre janeiro e julho de 2026, o Nordeste ampliou sua presença no comércio exterior de feijão e acumulou superávit de US\$ 13,05 milhões e 17,51 mil toneladas, altas de 27,8% em valor e 31,9% em volume ante igual período de 2025, sem importações registradas. O **Maranhão** liderou com folga: exportou US\$ 9,74 milhões e 12,42 mil toneladas, avanços de 55,5% e 67,2%, respondendo por cerca de três quartos das vendas regionais. A **Bahia** permaneceu na segunda posição, com US\$ 2,81 milhões e 4,40 mil toneladas, embora tenha recuado 23,4% em receita e 20,3% em volume. O **Piauí** apresentou o maior crescimento proporcional entre os estados de maior escala, com exportações de US\$ 493,6 mil e 683,6 toneladas, aumentos de 84,4% e 108,5%. O avanço regional foi

puxado principalmente por feijões secos dos grupos Vigna, destinados ao mercado asiático, sobretudo à Índia. A trajetória confirma a estratégia oficial de diversificação das cadeias de feijão (variedades), formuladas para aproveitar a demanda asiática crescente por grãos secos. Ainda assim, o cenário exige cautela: a Conab prevê redução das exportações nacionais na safra 2025/26, diante da menor oferta e da recomposição dos estoques internos (Quadro 1; Gráfico 1).

4 Clima

Em lavouras de sequeiro do Nordeste, a irregularidade da precipitação pode reduzir o estande, encurtar o ciclo, aumentar replantios e comprometer a formação de vagens. Em lavouras irrigadas, o fenômeno desloca o risco para disponibilidade hídrica, energia, custo de bombeamento, qualidade da água e risco de interrupção.

O CPC – Centro de Previsão Climática dos Estados Unidos (NOAA, 2026) informou em 13 de agosto de 2026, que o El Niño estava se fortalecendo, com mais de 90% de chance de um evento muito forte no outono e inverno setentrionais de 2026–27. A nota também estimou 69% de probabilidade de um evento histórico no trimestre outubro–dezembro de 2026, definido pela NOAA como valor trimestral de RONI igual ou superior a +2,5°C. A mesma nota ressalta que impactos consistentes com El Niño são mais prováveis, mas não garantidos.

A evidência histórica do FGV IBRE indica que anos de El Niño reduzem o rendimento do feijão no Nordeste em aproximadamente 6% em relação a anos neutros (Miro, 2026). Para análise de crédito, esse número deve ser tratado como estresse histórico de produtividade e combinado com informações locais de plantio, seguro, irrigação, solo e comercialização. O risco é especialmente relevante para a primeira safra plantada em áreas dependentes das chuvas, mas também pode afetar a segunda safra quando o calendário se desloca para uma janela de menor regularidade hídrica. A terceira safra apresenta maior associação com áreas irrigadas e estruturas produtivas do Centro–Sul, o que pode reduzir parte do risco climático direto, embora eleve a exposição a energia, custo financeiro e risco operacional.

5 Feijão Como Commodity e Crédito

O feijão deve ser analisado como uma commodity agrícola com forte componente de alimento básico. A comparação com soja e milho ajuda a entender a diferença, pois nessas cadeias, contratos, armazenagem, exportação e referências de preços internacionais têm maior peso. No feijão, a segmentação por cor, tipo, embalagem e origem, torna a formação de preço mais localizada. A ausência de uma cotação internacional única não significa ausência de risco de preço, mas significa que a exposição deve ser medida por praça, grupo comercial e calendário de comercialização.

A agricultura familiar é particularmente relevante no Nordeste. O Censo Agropecuário 2017 mostra que os estabelecimentos familiares representavam 79,2% das unidades produtivas, 73,8% do pessoal ocupado e 36,6% da área dos estabelecimentos nordestinos. Ainda assim, respondiam por 59,7% da produção regional de feijão (Aquino et al., 2020). O contraste entre participação na produção, número de estabelecimentos e área evidencia uma estrutura pulverizada e com grande importância social. Esse perfil tem duas implicações. Primeiro, o crédito pode gerar efeito relevante sobre produtividade, renda e segurança alimentar quando financia sementes, manejo, água, assistência técnica e comercialização; segundo, o risco individual não é bem capturado por médias regionais, porque a unidade familiar pode ter pouca área, pouca capacidade de armazenamento e dependência elevada de renda não agrícola. Cooperativas, associações, compras institucionais, assistência técnica, seguro e programas de proteção de renda podem funcionar como mitigadores de risco. O Garantia-Safra, por exemplo, foi definido pelo Governo Federal como apoio a agricultores familiares que perdem parte da produção por falta ou excesso de chuva, condicionado à inscrição, contribuição e comprovação de perda regional. O instrumento não substitui o crédito ou o seguro, mas reduz a severidade do choque sobre a renda familiar (Brasil, 2025).

Quadro 2 – Matriz operacional de riscos

Tema	Sinal	Síntese
Oferta nacional	Atenção	Conab projeta 2.961,2 mil toneladas em 2025/26, -3,2% contra 2024/25; o recuo é moderado, mas não homogêneo.
Nordeste	Positivo com risco	Produção de 711,7 mil toneladas, +17,8%; Bahia, Ceará, Pernambuco e Piauí concentram 88,5% da oferta regional.
Sul	Negativo	Produção de 662,4 mil toneladas, -36,8%; Paraná é o principal vetor de queda.
El niño	Risco elevado	NOAA/CPC aponta mais de 90% de chance de evento muito forte em 2026/27; evidência histórica sugere -6% no rendimento do feijão do Nordeste em anos de El Niño.
Preços	Volátil	Preço ao produtor de feijão comum cores atingiu máximas no primeiro semestre de 2026 e recuou até julho; cobertura da amostra é desigual.
Agricultura familiar	Estratégica	Famílias respondem por 59,7% da produção de feijão nordestina, com grande capilaridade e restrição de ativos.
Crédito	Seletivo	Aprovação deve depender de ZARC, sistema de cultivo, fluxo de caixa estressado, preço por praça e mitigadores verificáveis.
Dados	Limitação	FAOSTAT está disponível até 2024; Conab e IBGE/LSPA têm estimativas atuais, mas bases não são estritamente harmonizadas.

6 Sumário Executivo Setorial

Ambiente político-regulatório	Presença de compras institucionais, assistência técnica e programas de proteção de renda como mitigadores de risco. Destaque para o Garantia-Safra, definido pelo Governo Federal como apoio a agricultores familiares que sofrem perdas de produção por falta ou excesso de chuva (mediante inscrição, contribuição e comprovação de perda regional).
Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas	O cenário climático requer atenção para a próxima janela de plantio devido ao fortalecimento do El Niño. Em lavouras de sequeiro no Nordeste, a irregularidade de chuvas pode reduzir o estande, encurtar o ciclo, aumentar replantios e comprometer a formação de vagens. Em lavouras irrigadas, os riscos deslocam-se para a disponibilidade hídrica, energia, custo de bombeamento e qualidade da água. O risco climático é mais relevante na 1ª safra (dependente das chuvas) e na 2ª safra (quando o calendário se desloca para menor regularidade hídrica).
Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)	Presença de cooperativas, associações e organização coletiva atuando no setor. Existência de pesquisas e levantamentos específicos por órgãos de análise e monitoramento setorial/estatístico, tais como Conab, IBGE (LSPA), BNB (com base no Censo Agropecuário) e FGV IBRE. Elevada participação da agricultura familiar (representando 79,2% dos estabelecimentos, 73,8% do pessoal ocupado e 59,7% da produção de feijão no Nordeste).
Resultados das empresas que atuam no setor	O setor lida com um mercado de forte heterogeneidade e diferenças de escala. O Centro-Sul concentra maior produtividade enquanto a agricultura familiar no Nordeste possui menor escala produtiva, o que aumenta a sensibilidade a choques climáticos, liquidez de mercado e custos de transação.
Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)	No curto prazo, as projeções são de ligeiro declínio na oferta nacional total. A Conab projeta 2,9612 milhões de toneladas (-3,2% em relação a 2024/25, devido à redução de 6,0% na área, embora a produtividade avance 2,9%). O IBGE/LSPA aponta queda de 6,9%. No longo prazo, não há uma quebra generalizada, mas sim uma recomposição geográfica. O Nordeste apresenta expansão (+17,8% na safra 2025/26), enquanto o Sul recua (-36,8%).
Riscos de mercado	A formação de preço é regional, determinada pelo balanço doméstico, estoques, renda das famílias e concorrência entre safras. A exposição de risco varia conforme a cor e o tipo comercial. Há riscos de liquidez em mercados locais, enquanto em áreas irrigadas, há maior exposição a custos de energia, custo financeiro e riscos operacionais.

Referências

AQUINO, J. R.; ALVES, M. O.; VIDAL, M. F. 2020. Agricultura familiar no Nordeste do Brasil: um retrato atualizado a partir dos dados do Censo Agropecuário 2017. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 51, Suplemento Especial, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.61673/ren.2020.1271> Acesso em: 31 agosto 2026.

BRASIL. 2025. **Garantia-Safra**. Serviço Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-o-garantia-safra> Acesso em: 31 agosto 2026.

CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. 2026a. **11º levantamento da safra de grãos 2025/26**. Estimativa de agosto de 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias...> Acesso em: 31 agosto 2026.

_____. 2026b. **Séries históricas de produção — feijão**. Disponível em: <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/home> Acesso em: 31 agosto 2026.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Agricultural production statistics 2010–2024**. FAOSTAT, domínio de produção de culturas e pecuária. Série de feijão seco consultada por meio do conjunto derivado da FAOSTAT em Our World in Data, item 176, elemento 5510. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/bean-production> Acesso em: 31 agosto 2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2026a. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA**. Tabelas de julho de 2026. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa> Acesso em: 31 agosto 2026.

_____. 2026b. **Índice Nacional de Preços ao Consumidor**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/inpc/brasil> Acesso em: 31 agosto 2026.

MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. 2025. **Nota Técnica nº 4/2025/CGRA/DEGER/SPA/MAPA — Feijão de Sequeiro e Feijão Irrigado**. Disponível em: <https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Zarc/Zarc.html> Acesso em: 31 agosto 2026.

MIRO, V. H. 2026. **El Niño volta em 2026 e seus efeitos sobre a produtividade agrícola são diferenciados entre regiões e culturas**, FGV IBRE, 23 jun. 2026. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/el-nino-volta-em-2026-e-seus-efeitos-sobre-productividade-agricola-sao-diferenciados-entre> Acesso em: 31 agosto 2026.

NOAA - NATIONAL CENTERS FOR ENVIRONMENTAL PREDICTION. Climate Prediction Center. 2026. **ENSO Diagnostic Discussion**, 13 ago. 2026. Disponível em: https://www.cpc.ncep.noaa.gov/products/analysis_monitoring/enso_advisory/ensodisc.shtml Acesso em: 31 agosto 2026.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>